
os me

Carlos Henry

Meu Deus! Preciso correr. Só peço aos meus pulmões pra não chegar atrasado. Ônibus não dá. Táxi nem pensar. Preciso presenciar essa transa. Não se pode estar em todas as vitórias e nem dizer que estava vivo quando crucificaram o Homem. Anos depois, os idiotas pedem pra repetir o que não conseguiram entender quando aconteceu. Mas aí é tarde demais. Aconteceu assim com Jesus, Beethoven e os Beatles. Nossa! Estou exagerando na comparação. O diabo é que estou com pressa. Parecendo até o coelho da estória que aquele tarado escreveu pra Alice do país das maravilhas.

Que dia pra me mandarem fazer serviço de rua! Aquele sacana do Mustafá um dia me paga. Ele não gosta de mim. Sabe que eu vou longe e fica me podando. Faz o possível pra me atrapalhar. Tou fazendo supletivo, sei das coisas. Eu vou longe. Logo hoje que o "Seu" Valgênio vai sair da firma pra se aposentar. Aquele velho nazista! Não posso perder a despedida dele.

Puts! Meu peito vai estourar. Tenho que ver o velho catando os bagulhos dele e sair por um buraco, deixando a gente em paz.

Lá na corretora o pessoal acha que eu sou a segunda pessoa do porra nenhuma. Tudo bem. Não sabem que eu estudo. E que leio. Já tive até nas mãos o livro daquele irlandês maluco sobre o Ulisses. Dizem que é só abrir em qualquer página que dá no mesmo que ler desde a primeira. E pra mim fica mais fácil. Já vi o filme da Helena de Tróia. Fica aquele negócio de leia o livro e veja o filme.

Seu Valgênio. Velho filho da mãe. Agora vai ter que ficar em casa desti-

lando o veneno da jararaca que deve ser a patroa dele. E a gente numa boa. Só espero que não coloquem o Mustafá no lugar dele. Vai ser tudo a mesma merda! Mas Deus é grande e se for um cara decente não vai permitir uma coisa dessas.

Se eu chegar na Rua São Bento antes das três vai ser bom, tou na corretora num pulo. E pego a bendita cerimônia de expulsão do velho sacana.

Estou quase com dezessete, mas o exército não me pega. Se fosse há algum tempo atrás, quando milico tinha vez e era a profissão dos próximos trinta anos, até que eu topava. Mas agora. De repente, eles vão com a minha cara e me lascam logo uma jaqueta de coronel. Eu não gosto de quartel, mas talvez resista e entre numa boa na mamata. Dizem que não desconta nem imposto de renda.

Falaram que o homem vai lá na corretora hoje meter o pé na bunda do seu Valgênio. Nunca vi ele. Parece que é bem novo. Coisa herdada. Lógico. Trabalhando mesmo nunca vi ninguém conseguir nada.

Estou lendo agora um livro de uma francesa velha. A Tânia da recepção que me emprestou. Ela disse que é Prêmio Nobel. Não tou achando legal, mas a velha deve saber o que está dizendo, pra ganhar aquela grana toda. E tem setenta e cinco anos. Não acredito que uma pessoa vá levar a vida inteira pensando e depois escrever trezentas páginas com besteira.

Cheguei na São Bento. Jóia. Vou só pegar um cigarro do Zezão, no Califórnia, e meter o pau na máquina. Ainda faltam vinte pras três, dá pra ir fumando devagar.

Com certeza só vão botar o velho no

minhos

elevador aí pelas quatro. Mas eu quero olhar pra cara dele dando duro no último dia. Velho sem-vergonha! Não precisava tratar os meninos tão mal. O Filó é o que mais sofre. Preto, coitado! Já foi mandado pro banco, quatro e vinte pra depositar. O velho nojentão sabe que não deixam entrar. Mas manda o pretinho. Ele volta com a grana e lá vem porrada.

Pronto! Tou na casa. "Oi, Dena! Por favor, descarregue este corpo bronzeado do seu elevador diretamente na sala da Presidência." A Dena sorri. Já deve estar de saco cheio das minhas graças do dia-a-dia, mas ainda consegue sorrir. Moreninha sem muitos enfeites, jeitosinha, deve ficar até atraente sem aquele terrível uniforme de ascensorista.

O Mustafá já não está na escrivania dele. "Todo mundo desceu pro andar do seu Valgênio", diz Dona Dina, a faxineira. Deixo os papéis importantes "que precisam ser assinados" na mesa do sacana e vou correndo para o terceiro andar.

Está toda a corja lá. Me ajeito perto do Filó e ele me sussurra que vai ter até salgadinho. Seu Uriel, velho até decente, começa falando da corretora, mostra uns mapas e aponta pro velho nazista, que baixa a cabeça ouvindo os aplausos mirrados dos babacas do terceiro andar. De repente, uma figura meio esquelética num paletó escuro, com broche na gravata, sem dizer nada se aproxima do velho Valgênio, entrega um estojo aberto com uma caneta, apertada a mão dele e volta pro lugar. O velho fica parado com aquele troço nas mãos, olha pra todos nós e, depois de um silêncio prolongado, diz umas merdas de agradecimento. Acabou o enterro. Corro com Filó nos salgadinhos.

No meio da farra, aquela mão bate nas minhas costas e nas costas do Filó. Seu Valgênio. "Meus rapazes, nesta hora que levei trinta e sete anos para alcançar, não posso sair daqui sem dizer pra vocês, que são os mais humildes funcionários desta casa, onde vivi toda minha vida, que vou chegar em casa e chorar. Vou chorar, sim." Eu e o Filó, com a boca cheia de empada, ficamos sem poder mastigar. O velho continua: "Vou chorar porque não sei se valeu a pena. Vou chorar porque devia valer a pena. Mas não vou chorar aqui". Abre os braços e põe as mãos nos nossos ombros. Filó fica me olhando, o velho nazista de cabeça baixa. O garçom passa com a bandeja, pego um uísque, dou nas mãos do velho. Olho pro Filó, o filho da mãe tava lagrimando. Preto besta! O velho toma o uísque de um gole e pede outro. Dou o meu, ele engole. Tomamos uns quinze.

O povo avançando no rango e nós lá com o velho. Até que ele pediu: "Meu filho, me arranja um táxi". O Filó, a essas alturas já abraçado com o velho, concorda imediatamente e saem.

Fico olhando a galera devorando o que restava dos ossos do velho Valgênio e pego mais um uísque.

No elevador, sem ninguém além da Dena e eu, com tristeza, venho pensando no velho Valgênio: "O que será que vale a pena?" E, como é sexta-feira, pego a mão livre da Dena e pergunto: "Diga, nenem, o que é que você vai fazer hoje?"

Carlos Henry é médico, músico independente, pesquisador da obra musical de Noel Rosa.

Novos Estudos CEBRAP, São Paulo
n.º 16, pp. 62-63, dez. 86
